

# **ANTES TARDE DO QUE NUNCA: TRINTA ANOS DEPOIS, LAMPIÃO TEM ESTÁTUA EM SERRA TALHADA, SEU LUGAR**

*José Ferreira Júnior<sup>1</sup>*

## **RESUMO**

Este texto tem como objetivo analisar como se deu, após trinta anos, a confecção de uma estátua em homenagem a Lampião e sua fixação em lugar público da cidade de Serra Talhada, no sertão de Pernambuco, seu lugar de nascimento. A pesquisa, relacionada à memória e à tradição lampiônica, é de cunho qualitativo, e toma como base dados obtidos entre os anos 2008 e 2014, quando dos estudos de mestrado e doutorado do autor. Enquanto resultado, percebe-se haver nos dias atuais arrefecimento da animosidade que havia na década de 1990, quando da ocorrência de um plebiscito para decidir sobre a confecção e implantação, em praça pública, de uma estátua para Lampião. Isto sendo notado, pelo menos aparentemente, pela inexistência de resistência às estátuas de Lampião, Maria Bonita e Zabelê, implantadas em lugar público de Serra Talhada, às portas de entrada do Museu do Cangaço. Conclui-se haver sobre a memória lampiônica muito ainda a ser pesquisado, em Serra Talhada, seja no espaço urbano ou rural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Serra Talhada; Lampião; Estátua; Memória Lampiônica.

## **ABSTRACT**

This text aims to analyze how, after thirty years, a statue was made in honor of Lampião and its fixation in a public place in the city of Serra Talhada, in the hinterland of Pernambuco, his birthplace. The research, related to memory and Lampião tradition, is qualitative and is based on data obtained between 2008 and 2014, during the author's master's and doctoral studies. As a result, it is clear that, in the present day, the animosity that existed in the 1990s has cooled, when there was a plebiscite to decide on the making and implantation, in a public square, of a statue for Lampião. This is noticed, at least apparently, by the lack of resistance to the statues of Lampião, Maria Bonita and Zabelê, implanted in a public place in Serra Talhada, at the entrance doors of the Cangaço Museum. It is concluded that there is still much to be researched about lampiônica memory in Serra Talhada, whether in urban or rural areas.

**KEYWORDS:** Serra Talhada; Lampião; Statue; Lampiônica Memory.

---

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em Ciências Sociais (UFCG), Mestre em Ensino de História (URCA), Licenciado em História (FAFOPST), professor efetivo da Autarquia Educacional de Serra Talhada (AESET), lotado na Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada (FAFOPST). E-mail: professorferreirajunior@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Em 1991, Serra Talhada, cidade sertaneja pernambucana, efervescia. Em seu chão, lugar onde nasceu Lampião, o mais célebre e mais biografado cangaceiro (LINS, 2011), ocorria disputa discursiva acerca de se colocar ou não se colocar, em praça da cidade, uma estátua em homenagem ao seu filho cangaceiro famoso.

Uma ideia aparentemente despreziosa de um artista plástico local, que confeccionara estátuas de Lampião, Maria Bonita e Corisco em pedra de sabão, evoluiu para se tornar elemento promotor de construções discursivas e de embates acalorados envolvendo dois grupos: produtores culturais serratalhadenses e ex-policiais de volantes, ainda vivos, e ou descendentes de outros volantes que perderam as vidas em confronto com Lampião, bem como pessoas que tiveram familiares ou amigos vítimas do chamado Rei do Cangaço.

A disputa discursiva polarizava Lampião. Ou seja, inexistia abordar o cangaceiro, senão por dois vieses que contrapunham: pelo agir racional que visava a um fim (WEBER, 2010), que seria promover visibilidade turística à cidade, sendo Lampião a via por que isso se realizaria, polo onde se encontravam os produtores culturais à época; pelo agir decorrente de memórias traumáticas, pertencentes a pessoas que foram vítimas de Lampião e ou que incorporaram indiretamente esse trauma, no que se conhece por memória por tabela (POLLAK, 1992).

Diante das discussões exacerbadas, e ciente da possibilidade de descambar tais entreveros para agressões e ou assassinatos, o prefeito à época, Ferdinando Feitoza, determina que exista um plebiscito e que a população decida sobre a questão da estátua para homenagear Lampião. O voto seria facultativo. Poderia votar o nativo, mesmo que não habitasse em Serra Talhada, comprovando a naturalidade. A votação ocorreria no dia 7 de setembro, em meio às comemorações dirigidas à padroeira da cidade, Nossa Senhora da Penha. O eleitor deveria votar sim ou não relacionado à confecção e implantação, em praça pública, de uma estátua em homenagem a Lampião.

Por que se estabeleceu a contenda resultante no plebiscito? Por que mesmo tendo sido ganhador o sim, o não prevaleceu no referente à implantação da estátua de Lampião em praça da cidade? Por que somente passados trinta anos se tem uma estátua de Lampião em Serra Talhada, seu lugar de origem? A tais questionamentos este texto procurará responder. Para tal, serão utilizados dados de pesquisas obtidos entre os anos

2008 e 2014, quando dos meus estudos de mestrado e doutorado, que se atrelaram à invenção e construção da tradição lampiônica em Serra Talhada, Pernambuco.

## **SERRA TALHADA PRECISA SER VISTA: A 'PROBLEMÁTICA DA ESTÁTUA DE LAMPIÃO**

É incontestável a globalização e a internacionalização da economia, justapostas à realidade de sociedades que se assentam no tripé conhecimento, inovação e transformação. Diante dessa realidade, fazer-se visto e ter o que oferecer, enquanto produto a ser consumido, tornou-se imprescindível aos espaços urbanos, sob pena de experimentar ostracismo e, por conseguinte estagnar economicamente. Assim, de acordo com Moreira e Silva (2009), “torna-se fundamental assegurar a promoção e valorização das cidades [...], de modo a sustentar o crescimento e promover o desenvolvimento econômico”.

Em Serra Talhada não se pensou diferente e, em meados da década de 1980, no auditório do Colégio Municipal Cônego Torres, foi encenada a peça A Chegada de Lampião no Inferno, sob a direção do produtor cultural Anildomá Willans de Souza, conhecido por Domá, que assim será aqui chamado. A peça, que teve como texto base o folheto de mesmo nome, foi, segundo afirma Domá, “a primeira vez que se falou de Lampião em Serra Talhada”, sendo o intento da mesma, “resgatar a imagem de Lampião” (FERREIRA JÚNIOR, 2021).

Levando-se em conta que a ação de resgatar é retirar alguém ou alguma coisa de uma situação de desfavor, a declaração do produtor cultural parece apontar para o fato de, de maneira deliberada, ou seja, intencionalmente prévia, protagoniza-se uma determinada ação (WEBER, 2010). A partir de então, começa em Serra Talhada ação organizada buscando, em relação à pessoa de Lampião, um deslocamento de imagem (HALL, 2010), quiçá a construção de uma nova imagem para o cangaceiro.

Como exemplo dessa ação organizada, o vereador Expedito Eliodório, conhecido como Louro Eliodório, trará a luz projeto de Lei que pretendia valorização de serratalhadenses notórios, como Agamenon Magalhães e Lampião. A proposta é, segundo o texto do projeto, tirar do limbo do esquecimento essas figuras (FERREIRA JÚNIOR, 2021). O texto é aprovado e se transforma em lei. Isto se mostra como elemento instigador à continuidade de ações discursivas acerca da memória lampiônica.

O professor e artista plástico serratalhadense, Juraci Jussé, esculpiu três

pequenas estátuas e disse sê-las Lampião, Maria Bonita e Corisco. Levou as estátuas até à Casa da Cultura e falou do seu desejo de ver seu trabalho exposto em praça da cidade. Publicizada a intencionalidade do artista, esta experimentou significativa resistência dos que eram portadores de memórias traumáticas (SELIGMANN-SILVA, 2008) e, historicamente, identificavam-se como inimigos de Lampião, principalmente sujeitos provenientes da vila de Nazaré do Pico<sup>2</sup>, tanto de ex-soldados de volantes vivos, quanto de pessoas suas aparentadas ou, ainda, pessoas gozadoras de sua proximidade que, à luz de Pollak (1992), eram, por tabela também experimentadores desse tipo de memória.

A acirrada discussão entre os favoráveis e contrários à colocação em praça pública de estátua do conterrâneo cangaceiro famoso ganhou contornos avantajados. Os embates discursivos eram travados nas esquinas, nos bares e na rádio local. Discussões acaloradas se faziam e, com elas, ameaças, diretas ou subentendidas, estas provenientes dos que se posicionavam contrários à intencionalidade dos produtores culturais (FERREIRA JÚNIOR, 2021). De sorte que, mediante a inquietação gerada e, com ela, a possibilidade de vir a existir o cumprimento das ameaças, o prefeito Ferdinando Feitoza, amparado pelo juiz local e com o auspício da Polícia Militar, decide pela existência de um plebiscito para se dirimir a questão<sup>3</sup>.

Ficou definido que o plebiscito ocorreria no dia 7 de setembro de 1991, dentro das festividades da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Penha. Acordou-se que estaria apto a votar qualquer serratalhadense, gozando maioria, com naturalidade comprovada, não se exigindo comprovação de domicílio na cidade. Seria exigido documento de identidade. Haveria locais definidos previamente, cabines e urnas para a votação.

Até chegar o dia da votação, desenvolveu-se campanha acirrada envolvendo os defensores do sim e do não à implantação de uma estátua de Lampião em praça da cidade. Esse quadro atraiu a Imprensa nacional e internacional. Esta, talvez buscando dar ares avultados à discussão, alardeou, distorcendo os fatos, que em Serra Talhada iria haver julgamento popular de Lampião, ou seja, à população caberia definir se o cangaceiro herói ou bandido. Deixou-se claro que foi uma distorção midiática do que, de fato, estava se discutindo em Serra Talhada, naqueles dias (FERREIRA JÚNIOR; SOARES, 2012).

---

<sup>2</sup> Distante 45 km de Serra Talhada e pertencente ao município de Floresta, também cidade sertaneja pernambucana, a Vila de Nazaré do Pico é conhecida como reduto de famílias fornecedoras de homens para as forças policiais do governo perseguidoras de Lampião, as chamadas Volantes.

<sup>3</sup> Vide em Diário de Pernambuco, Caderno Cidade. Recife, terça-feira, 9 de julho de 1991. A-9.

O discurso sobre Lampião, em decorrência da distorção feita pela mídia, passou a se mostrar polarizado nas dimensões herói e bandido. Os produtores culturais na intencionalidade de “resgatar” o cangaceiro e, ressignificar sua memória, porquanto a intencionalidade desses sujeitos era, usando a figura de Lampião, como disse Tarcísio Rodrigues, diretor da Casa da Cultura, “ achar um mote e vender a cidade” (FERREIRA JÚNIOR, 2021), anunciam discurso que retira o cangaceiro da polarização discursiva herói / bandido e o afirmam ser unicamente História.

Lampião visto somente como História foi um agir intencional dos produtores culturais que o queriam ressignificado. Significava pô-lo numa posição assemelhada a outros personagens históricos e escamotear as suas ações, principalmente as negativas, como elemento usado para caracterizá-lo. Esse discurso dos produtores culturais se materializou em carta aberta à população serratalhadense, que se espalhou pela cidade, não tendo autoria definida (hoje dito por Domá ter sido autoria sua) e intitulada: “Nem herói, nem bandido, ele é História: diga sim a Lampião” (FERREIRA JÚNIOR, 2021). Abaixo a reverberação do defendido na carta citada, pichado em muro de escola serratalhadense, quando da campanha pelo sim à estátua para Lampião.



Figura 1: Muro de escola serratalhadense pichado pelo sim a Lampião.  
Fonte: Diário de Pernambuco, 21 de julho de 1991.

Em sete de setembro de 1991, ocorre a votação. Contrariando as expectativas ruins – porquanto havia ameaça de invasão da cidade, por parte de homens habitantes na vila de Nazaré, descendentes de nazarenos membros de volantes e perseguidores de Lampião -, a votação ocorreu normalmente. Compareceram aos postos de votação 2289 pessoas, das quais, 1648 disseram SIM à construção e implantação em Praça da cidade, de uma estátua de Lampião (FERREIRA JÚNIOR, 2021). Abaixo, um comprovante de votação.



Figura 2: Comprovante de votação no Plebiscito de 1991.  
Fonte: Anildomá Willans de Sousa

O resultado da votação foi divulgado no mesmo dia de sua ocorrência, à noite, no programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão. Após a divulgação na televisão, houve o anúncio em palco instalado na Praça Sérgio Magalhães, a principal da cidade. Agora, por direito decorrido de vontade popular, Lampião seria homenageado, como pretendiam os inventores da tradição lampiônica. A vitória do sim à estátua para Lampião foi significativamente comemorada. Domá sintetiza a comemoração dos vencedores, quando diz o registrado por Ferreira Júnior (2021):

Foi um estouro! Serra Talhada toda estava na Praça. A imprensa. Camisas sendo vendidas, boné, chapéu, coisa de cangaceiro, um monte de coisa... Bolsa... Tudo quanto era de coisa de cangaceiro... O pessoal vindo de fora. A festa ficou uma festa do cangaço [...] Depois que saiu o resultado no Fantástico, as autoridades foram até o palco anunciar, pois, nem todas as pessoas sabiam do resultado.

A declaração de Domá revela a expectativa que existia relacionada à abertura das urnas, principalmente por parte dos que militaram pela vitória do sim à construção e implantação em praça pública de uma estátua de Lampião. A expectativa realizada promoveu a interpenetração dos quereres de grande parte dos votantes com as festividades relacionadas à chamada Festa de Setembro, tradicional na cidade, em homenagem a sua padroeira, Nossa Senhora da Penha. Isto se verifica na afirmação do entrevistado: “a festa ficou uma festa do cangaço”.

Dois dias depois, em 09 de setembro de 1991, o ocorrido em Serra Talhada é noticiado nacional e mundialmente, exteriorizando o querer dos que defendiam ser Lampião o produto turístico capaz de promover visibilidade à cidade e, conseqüentemente lhe promover benesses financeiras. Veja-se o dito em Diário de Pernambuco, um dos dois maiores jornais de circulação no Estado:



Figura 3: Manchete sobre o resultado do plebiscito em Serra Talhada.  
Fonte: Diário de Pernambuco, 09/09/1991.

Nada obstante a veracidade da manchete, o conteúdo da reportagem é sensacionalístico, porquanto não é condizente com a verdade dos fatos. Primeiro, o plebiscito não dizia respeito à absolvição ou condenação, mas a fixação ou não de estátua de Lampião em Praça da cidade. Segundo, a estátua seria colocada numa Praça e não no topo da serra que nomeia a cidade. Terceiro, não havia nenhuma definição do tamanho da estátua e a reportagem afirma-a maior que a do Cristo Redentor, no Rio de

Janeiro, com 38 metros e, maior que a do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, com 27 metros. Por fim, o autor da reportagem arremata o seu arsenal de falácias, quando afirma: “A ideia é que ao lado da gigantesca figura de concreto, surjam bares e restaurantes, xaxódromo e forródomos. Quem sabe um anfiteatro ou hotel. Pode ser até que o lugar se torne um novo centro de romaria” (FERREIRA JÚNIOR, 2021). Puro devaneio!

Somado às falácias escritas pelo autor da matéria jornalística, observa-se a fala do, à época deputado federal, Inocêncio Oliveira, também serratalhadense. O político, como é praxe de quase todos os que transitam no campo da política partidária, usou o evento da estátua para se promover, quando afirma que, havendo a concretização do devaneado discurso jornalístico, Lampião poderia experimentar remissão dos crimes que cometeu em sua vida cangaceira.

### **LAMPIÃO GANHA, MAS NÃO LEVA: RAZÕES DA NÃO IMPLANTAÇÃO DA ESTÁTUA DE LAMPIÃO EM PRAÇA DE SERRA TALHADA - PE**

Lampião ganha o direito de ter estátua sua em praça da cidade: 72% dos votantes (1648) disseram sim. Uma vitória esmagadora dos produtores culturais. Mas, o que disseram as urnas não se materializou historicamente. Lampião ganhou, mas não levou. Ou seja, mesmo tendo havido a concordância dos votantes, também já existindo um projeto relacionado à estátua, como também a definição do lugar (praça) onde seria posta, não aconteceu o que estava autorizado e minuciosamente planejado.

Por que não se consecutou a intencionalidade dos produtores culturais, agora legitimada pela aprovação dos que votaram no plebiscito? Teria sido a não consecução do desejo dos produtores culturais e dos serratalhadenses votantes ocorrida em decorrência da mudança trazida à economia brasileira, pela implantação do Plano Brasil Novo, popularmente conhecido como Plano Collor?<sup>4</sup> Ou, forças contrárias à implantação da estátua de Lampião em praça pública se manifestaram mais contundentemente e se impuseram aos que desejavam que houvesse a homenagem ao cangaceiro conterrâneo?

---

<sup>4</sup> Lançado em 1990, o Plano Brasil Novo, popularmente conhecido como Plano Collor, foi um planejamento econômico realizado durante a presidência de Fernando Collor de Mello, cujo objetivo era controlar a hiperinflação que assolava o país naquela época. marcou a história brasileira ao bloquear as contas de poupança e aplicações financeiras que tinham a remuneração atreladas à taxa overnight. Além do bloqueio da liquidez dos depósitos em contas poupança e das aplicações financeiras, esse plano continha algumas outras medidas polêmicas, como o congelamento de preços e salários.

Não se constitui equívoco atribuir às mudanças econômicas trazidas pelo Plano Collor a não consecução da confecção da estátua e, conseqüentemente sua implantação em praça da cidade. Torna-se erro atrelar exclusivamente uma coisa a outra. Ou seja, justificar a não consecução do que concordaram as urnas somente à ação governamental, deixando-se de lado as questões que se sucederam, após a vitória do sim, no plebiscito.

A consecução do projeto da estátua de Lampião não se realiza, sendo um conjunto de motivos o responsável por isso. Além da inexistência de verba, houve significativos protestos pós-plebiscito, provindos tanto de opositores locais quanto de fora. À parte a inexistência de verba, a correlação de forças não se verificava favorável à objetivação da intencionalidade dos produtores culturais.

A resistência empreendida pelos opositores locais, obviamente esperada, provinha de ex-volantes combatentes de Lampião (ainda vivos) e também de familiares de vítimas do cangaceiro e de amigos dessas pessoas. Como exemplo, tome-se a fala de Davi Jurubeba, nazareno<sup>5</sup>, tenente da reserva da Polícia Militar de Pernambuco e membro de volante perseguidora de Lampião, rememorado por Euclides Ferraz, advogado serratalhadense<sup>6</sup>, e registrado por Ferreira Júnior (2021):

**É um absurdo os nazarenos deixarem construir uma estátua de um bandido na praça pública! [...] Ele dizia: “Se vocês não fizerem, vocês não são homens, não são dignos de serem chamados nazarenos. (Grifo nosso).**

O sinônimo de bandido dado por Jurubeba a Lampião deixa subliminarmente entendido que a honraria deveria ser concedida a quem lutou para extirpar o cangaceirismo dos sertões nordestinos: os policiais, membros de volantes. Ademais, também se verifica o apelo feito pelo velho policial ao ethos da macheza, tão caro ao homem sertanejo e tão significativamente atribuído aos membros de volantes nazarenos, que de acordo com Monteiro (2004) *apud* Albuquerque (2016), “eram tanto valentes quanto ignorantes. Não tinham medo de morrer. Sabiam que iam morrer, mas não paravam de brigar”. Assim, aquiescer à voz das urnas, de acordo com o velho tenente nazareno, seria negar as origens nazarenas, envergonhar e macular a memória dos seus ascendentes que perderam a vida em combate ao cangaço lampiônico.

---

<sup>5</sup> Nazarenos são os que habitam a Vila de Nazaré, que pertence à cidade de Floresta – PE. A vila dista 45 quilômetros de Serra Talhada e foi local de fornecimento de soldados para perseguir Lampião, nas chamadas volantes;

<sup>6</sup> Segundo Ricoeur (2007), a rememoração se traduz como resgate de algo declarado como passado;

No referente à resistência provinda da parte dos de fora, esta era divulgada em jornais, como, por exemplo, na reportagem de O Dia, de março de 1992:

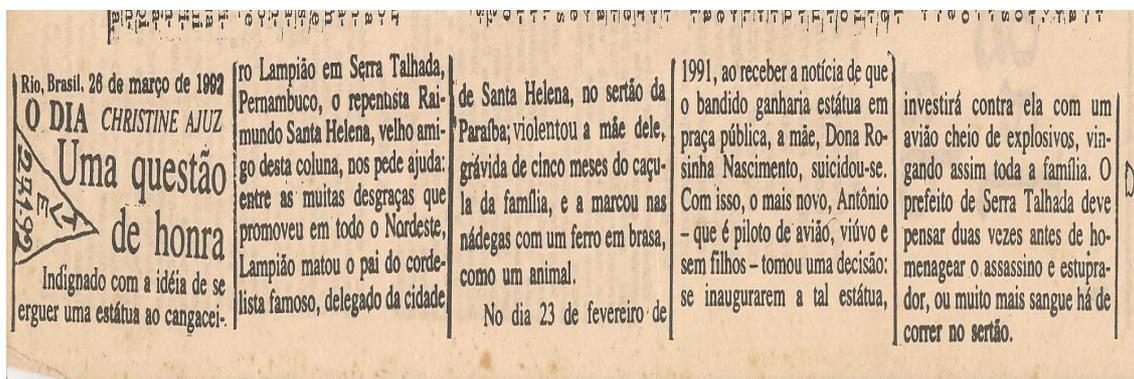


Figura nº: 04: Reportagem contendo ameaça à construção da estátua de Lampião.

Fonte: Jornal O Dia, 28/03/1992.

Percebe-se na resistência empreendida à construção e fixação da estátua de Lampião na cidade, tanto por parte dos locais quanto por parte dos de fora, o ecoar de vozes de memórias traumatizadas, diretamente ou por tabela, como o diz Pollak (1989). Não obstante a falta de dinheiro para consecutar o projeto, muito provavelmente o receio de que as ameaças feitas se concretizassem tenha sido elemento determinante para não se levar adiante a ideia.

## O VIR A SER DE LAMPIÃO EM SERRA TALHADA: A CONSTRUÇÃO DE UMA TRADIÇÃO

A não realização do projeto desejado pelos produtores culturais serratalhadenses não se constituiu ponto final ao desejo de se inventar e construir uma nova tradição na cidade, a lampiônica<sup>7</sup>. Exemplo comprobatório dessa afirmação são as ações de Domá, que juntamente com seus familiares começa a empreender empreendimentos que virão a dar corpo à nova tradição, que trará à cidade visibilidade, nacional e internacional, bem como lhe promoverá atratividade turística.

Em 1993, com apoio do Governo do Estado, cria o Seminário Sertão, Beatos e Cangaceiros. No ano de 1994, já ocupando o cargo de Diretor Municipal de Cultura, funda a Fundação Cultural Cabras de Lampião (FCCL) e, com ela, o Grupo de Xaxado

<sup>7</sup> Quando falamos inventar e construir tradição, fazemo-lo a partir da concepção de Hobsbawm e Ranger (2004) e quando dizemos ser nova essa tradição, fazemo-lo levando em conta a tradição que existia na cidade, decorrente da eleição consecutiva (1974, 1975 e 1976) de três mulheres serratalhadenses ao posto de miss Pernambuco, que promoveu à cidade a identidade de cidade tricampeã da beleza feminina.

Cabras de Lampião (GXCL). Caberá oficialmente à Fundação Cultural Cabras de Lampião a criação e a realização de eventos relacionados à memória lampiônica, em Serra Talhada. Em 1995, a FCCL realiza o Tributo a Virgulino, comemorando os cinquenta e sete anos da morte do cangaceiro.

A legitimação do evento se revela pelo fato da ocasião se transformar em momento de encontro entre pesquisadores do cangaço, ex-cangaceiros, ex-volantes e parentes de Lampião. Dentro da programação ocorrem lançamentos de livros sobre o cangaço, apresentação de grupos folclóricos, exibição de filmes, debates e palestras. O evento contou com o apoio da Prefeitura local e da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço (SBEC).

Em 1997, ano do centenário de nascimento de Lampião, o Tributo a Virgulino foi realizado com a presença de ex-cangaceiros (Sila e Candeeiro), ex-volantes (Davi Jurubeba e João Gomes de Lira), parentes de Lampião (irmã, filha e neta) e escritores do cangaço de renome, como, Antônio Amaury, Gutembergue Costa, Jovenildo Pinheiro (FERREIRA JÚNIOR, 2021). Também foi a última vez que o evento foi realizado no espaço urbano. A partir de então, o evento passou a ser realizado no Sítio Passagem das Pedras, lugar onde nasceu Lampião, que dista trinta e cinco quilômetros da cidade.



Figura 5: Panfleto de divulgação do Tributo a Virgulino.  
Fonte: CLEMENTE (2003, p. 28).

A decisão de transferência de local de realização da festa é significativa no referente à construção da tradição lampiônica, visto que, no Sítio Passagem das Pedras se encontram elementos materiais que se atrelam à memória cangaceira lampiônica: a casa onde nasceu o cangaceiro (restaurada e transformada em um pequeno museu, pela FCCL), as ruínas da casa da sede da Fazenda Pedreira, pertencente a Zé Saturnino, primeiro inimigo de Lampião e, as pedras, local onde se deu o primeiro tiroteio entre Zé Saturnino e os irmãos Ferreira. Em outras palavras, no espaço citado estão elementos que fazem existir um lugar de memória (NORA, 1993) lampiônica.

No ano de 2002, a FCCL criou o Encontro Nordestino de Xaxado, que se realiza no primeiro final de semana de junho. O xaxado, em Serra Talhada é divulgado como uma dança de criação lampiônica. Assim, as apresentações de xaxado pelo Grupo de Xaxado Cabras de Lampião, pertencente à FCCL, não busca somente divulgar o lado artístico do cangaço, mas proporcionar a lembrança de seu suposto autor: Lampião.<sup>8</sup>

No ano de 2005, através da Lei Ordinária 1089/2005, a rodovia PE-390, que compreende o trecho do entroncamento com a BR 232, no município de Serra Talhada até a Rodovia PE – 360, no município de Floresta – PE, passa a se chamar Rodovia Virgulino Ferreira da Silva. O texto de justificativa da Lei, que oficialmente aparece como sendo de autoria do Deputado Estadual Nelson Pereira, foi encomendado ao presidente da FCCL pelo próprio parlamentar, quando este lhe solicitou a construção de mais um símbolo lampiônico na cidade (FERREIRA JÚNIOR, 2021).



Figura 6: Museu do Cangaço, em Serra Talhada – PE.

Fonte: Acervo do autor.

---

<sup>8</sup> Em Serra Talhada há, também construído por Domá em seus escritos, o discurso que afirma ser o xaxado uma dança de guerra e entretenimento criada pelos cangaceiros de Lampião, no início dos anos vinte, do século XX, em Vila Bela, atual Serra Talhada (SOUZA, 2004).

Elemento de importância à construção da tradição lampiônica em Serra Talhada é o Museu do Cangaço. Esta instituição, criada pela Fundação Cultural Cabras de Lampião, que desde o ano de 2009 passou a funcionar em um galpão da antiga estação de trem da cidade, existe desde o ano de 2007. Embora nomenclature-se Museu do Cangaço, o foco do acervo é a pessoa de Lampião. Significativo é o acervo fotográfico, a quantidade e variedade de armas e, principalmente, objetos representativos da época cangaceira.

No ano de 2012, Domá estreia como dramaturgo ao escrever a peça teatral *O Massacre de Angico: A Morte de Lampião*. Encenado ao ar livre, o espetáculo somente perde em grandeza de produção e visibilidade midiática, em Pernambuco, para *A Paixão de Cristo* representado em Nova Jerusalém, no Agreste pernambucano. Abaixo, cartaz de anúncio da peça.



Figura 7: Cartaz de anúncio de peça teatral.  
Fonte: Fundação Cultural Cabras de Lampião

A intencionalidade de Domá é apresentar um Lampião divorciado da imagem exclusiva de ferocidade que o estigmatiza, trazendo à luz elementos inerentes ao ser humano, como tristeza, saudade, medo e paixão e mostra-los presentes no cangaceiro. Em outras palavras, a proposta é clara: humanizar Lampião. Talvez esse agir do

produtor cultural serratalhadense aponte para a chegada da maturidade da invenção da tradição lampiônica, em Serra Talhada. A peça contou por vários anos com a direção do conhecido ator pernambucano, José Pimentel. Encontra-se o espetáculo em sua nona edição.

O presidente da FCCL também atua no campo literário lampiônico. É autor de cinco livros, a saber, Lampião: o comandante das caatingas (1995); Xaxado: a dança de guerra dos cangaceiros de Lampião (1999); Nas pegadas de Lampião (2004); Lampião, nem herói, nem bandido: a história (2007) e Lampião e o Sertão do Pajeú (2018). As obras citadas são um ajuntamento de fatos atribuídos a Lampião e ou aos seus liderados, não havendo, para muitos deles, fonte comprobatória. Assim, muito há nesses escritos provenientes do imaginário popular.

No ano de 2019, estátuas de Lampião, Maria Bonita e Zabelê (cangaceiro serratalhadense) foram colocadas na entrada do museu, conforme se visualiza abaixo:



Figura 8: Museu do Cangaço em Serra Talhada  
Fonte: Acervo do autor.

Trinta anos depois de as urnas, em um plebiscito ocorrido na cidade, ter concedido a Lampião o usufruto de ter uma estátua de sua pessoa em praça pública serratalhadense e, mesmo com a legitimação ocorrida, não ter acontecido a materialização do autorizado por 72% dos votantes, a Fundação Cultural Cabras de Lampião realiza o querer desses serratalhadenses. Não ocorre fixação em logradouro público, como se intencionava fazê-lo (já falado anteriormente neste texto), mas em lugar perpassado de sentido, no referente à memória lampiônica, o Museu do Cangaço.

A fixação das estátuas de Lampião, de sua companheira Maria Déia e do seu liderado Zabelê, deu-se sem que existisse resistência, por parte dos descendentes das vítimas de Lampião. Teria findo a resistência à homenagem ao Rei do Cangaço? Estaria havendo, por parte das vozes resistentes, o entendimento de ser a exploração da memória lampiônica benéfica à atratividade turística em Serra Talhada e, por conseguinte satisfatória às suas demandas? Estaria a correlação de forças favorável à intencionalidade dos produtores culturais serratalhadenses, no robustecimento da glorificação à memória lampiônica?

Os questionamentos feitos funcionam como estímulo a outras investigações. Ou seja, percebe-se haver campo vasto para o estabelecimento de novas pesquisas relacionadas à tradição lampiônica em Serra Talhada. Por enquanto, o que se pode dizer é que a estátua de Lampião é uma realidade em Serra Talhada. Antes tarde do que nunca!

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi pretensão, no transcurso deste texto, mostrar como num espaço de trinta anos foram construídas condições materiais favoráveis à construção e implantação, em lugar público, de uma estátua homenageando Lampião, em Serra Talhada, seu lugar de nascimento.

Percebe-se que o intento dos produtores culturais em homenagear o cangaceiro serratalhadense passou por etapas, ou seja, experimentou uma trajetória histórica (BOURDIEU, 2006), onde foram experimentados momentos de tensão – decorridos de ameaças provenientes dos que se mostravam contrários a essa intencionalidade – e outros de certa tranquilidade, como o agora vivenciado.

Lampião, que hoje é elemento promotor de visibilidade ao espaço serratalhadense e, também, atrativo turístico para a cidade, tem na Fundação Cultural Cabras de Lampião um agente que lhe reporta cuidados, no relacionado a sua imagem. Em virtude desse agir institucional, quase não mais se verifica entre os cidadãos discursos sobre o cangaceiro pautado na dicotomia herói / bandido, mas uma quase hegemonia discursiva que o considera História.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, A C de. **Capitães do fim do mundo**: as tropas volantes pernambucanas (1922 – 1938). EDUPE. 2016.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J; FERREIRA, M de M. (Orgs) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2006.

FERREIRA JÚNIOR, J; SOARES, C E de C. **O papel da mídia na invenção e venda da memória de Lampião em Serra Talhada**. XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-Alas Brasil, 04 a 07 de setembro. UFPI. Teresina – PI. 2012.

FERREIRA JÚNIOR, J. **A memória de Lampião em disputa**: discursos e ações de produtores culturais na região do Pajeú. Curitiba. CRV. 2021.

HALL. S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 2010.

HOBSBAWM, E; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São PAULO. Nova Fronteira. 2004.

LINS, D. **Lampião, o homem que amava as mulheres**. São Paulo. Annablume. 2011.

LIRA, J G de. **Lampião**: memórias de um soldado de volante. Floresta- PE. Gráfica TDA. 2007.

NORA. P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. São Paulo. Educ. 1993.

MOREIRA, J; SILVA, M J A M. **Modelo de estudo das identidades das cidades**: aplicação ao caso da cidade de Covilhã. 2009. Disponível em [file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio-PC/Downloads/Dialnet-ModeloDeEstudoDaIdentidadeDasCidades-2751762%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio-PC/Downloads/Dialnet-ModeloDeEstudoDaIdentidadeDasCidades-2751762%20(1).pdf) Acesso 28 de novembro de 2021.

POLLAK. M. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. 1989.

POLLAK. M. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1992.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas. Editora da UNICAMP. 2007.

SELIGMANN-SILVA, M. **Narrar o trauma**: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Psi. Clin. Rio de Janeiro. 2008.

SOUZA, A W de. **Nas pegadas de Lampião**. Serra Talhada. Esdras Graphic. 2004.

WEBER. Max. **Economia e Sociedade**. São Paulo. Imprensa Oficial. 2010.